

## NA AMAZÔNIA

# Cai o índice de desmatamento

**GOVERNO FEDERAL E INPE APRESENTARAM ONTEM DADOS DIVERGENTES SOBRE O DESFLORESTAMENTO DA REGIÃO. PARA UM, HOVE O DECLÍNIO DO PROBLEMA, E PARA O OUTRO O CRESCIMENTO**

DAS AGÊNCIAS ESTADO E FOLHA

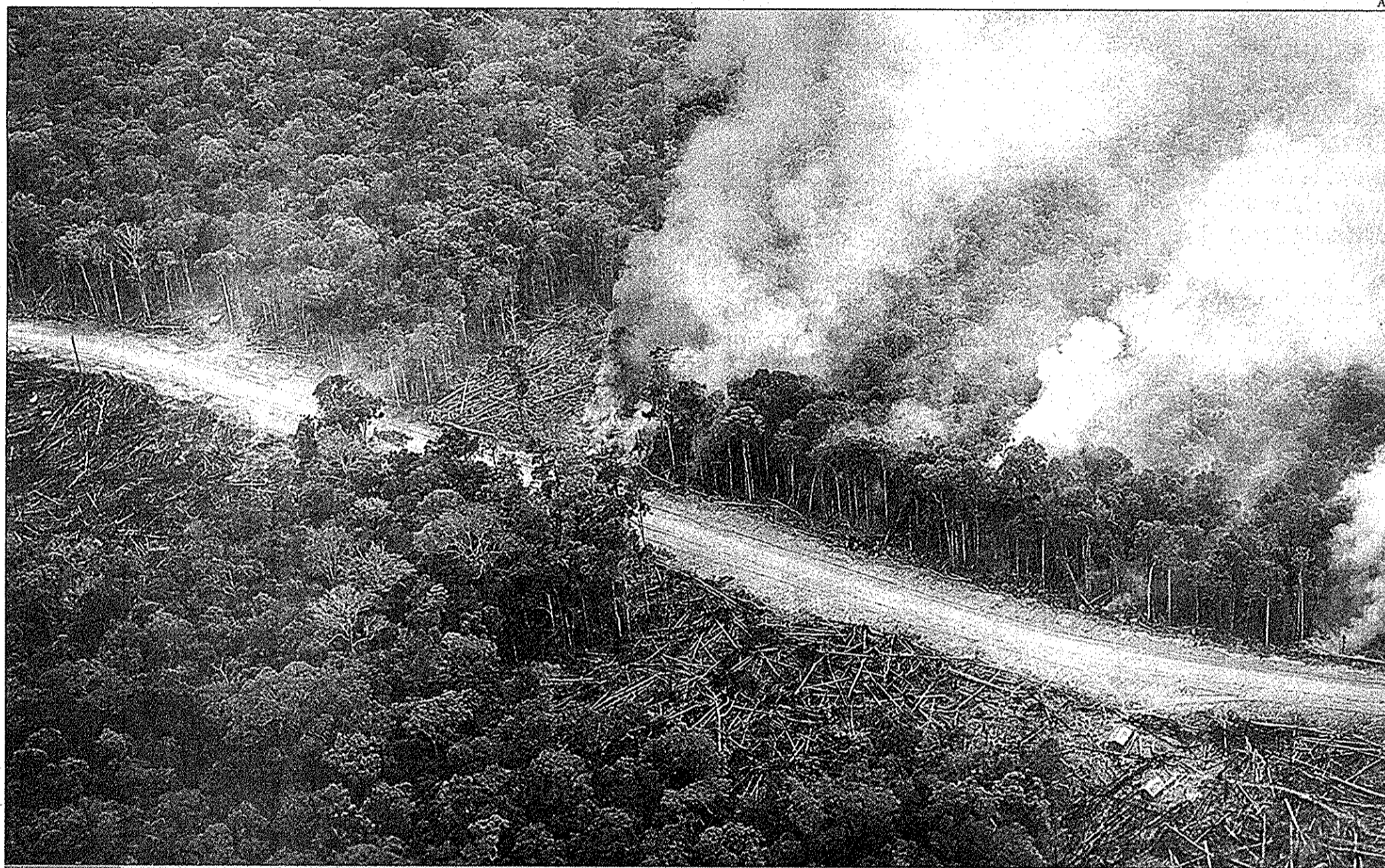
Os ministros José Sarney Filho (Meio Ambiente) e Ronaldo Sardenberg (Ciência e Tecnologia) anunciaram ontem que houve uma redução na taxa média de desflorestamento da Amazônia em 1999. A taxa passou de 17.383 quilômetros quadrados por ano, registrados em 1998, para 16.926 quilômetros quadrados por ano, em 1999.

No mesmo dia, no entanto, o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) divulgou pesquisa mostrando dados nada alentadores para a região, embora utilizando números de períodos distintos ao do Governo Federal: os desmatamentos teriam crescido 31,4% no período de 1997/98 em comparação com 1996/97. Subiu, portanto, de 13,22 mil quilômetros quadrados para 17,38 mil quilômetros quadrados a área desmatada. A estimativa para 1999 – ainda não concluída – é a mesma apresentada pelo Governo. O desmatamento teria uma pequena redução em 99 para 16,92 mil quilômetros quadrados.

Pelos dados do Ministério do Meio Ambiente, nas áreas críticas o desflorestamento caiu de 13.474 quilômetros quadrados por ano em 1998 para 13.120 quilômetros quadrados por ano em 1999. Segundo Sarney Filho, a redução da taxa média mostra que a tendência de crescimento do desmatamento foi contida.

O estudo faz parte da ação de Monitoramento Ambiental da Amazônia, do Plano Plurianual 2000/2003 do Ministério da Ciência e Tecnologia. Os ministros divulgaram também uma redução de 20,2% nos focos de incêndio na região da Amazônia Legal em 1999, comparado com o ano anterior.

Para o Inpe, a Amazônia perdeu 14% de sua cobertura original, correspondente a 551,78 mil quilômetros quadrados, segundo dados registrados em 20 anos de monitoramento da região com ajuda do satélite Landsat (1978-1998). O levantamento do Inpe trata apenas dos desflorestamentos provocados pela agricultura e pecuária, excluindo a atuação das madeiras.



**QUEIMADAS** Para o Governo Federal, a redução na taxa média de desflorestamento da Amazônia deve-se ao trabalho de combate aos focos de incêndio na região

## 'LEVIANDADE'

## Ministro é acusado de tentar manipular dados da pesquisa

O coordenador do Instituto Socioambiental (Isa), João Paulo Capobianco, acusou o ministro de tentar manipular os dados, durante a divulgação da pesquisa do Inpe. "É muita leviandade", reclamou, observando que o ministro escondeu da sociedade um dado "astronômico": o aumento de mais de um terço nos desmatamentos na região. "Não se faz democracia assim, mas sim discutindo a realidade", disse. Para ele, o aumento efetivo de 31,4% deveria ser o tema central da coletiva, ao contrário de o ministro minimizar esse fato e optar por comentar a "discreta possível queda" prevista

nas projeções de 1999. O assessor da senadora Marina Silva (PT-AC), Nilo Diniz, considera o índice de desmatamento muito alto. A taxa média de desflorestamento, no período de 1997/98, é de 0,48%, igual à registrada entre 1988/89. Essa taxa, segundo Diniz, foi manchete de jornais internacionais em 1988. Mas esse porcentual parece pequeno atualmente por causa da explosão registrada em 1994/95, quando a taxa de desmatamento subiu para 0,81%. "A volta aos 0,48% revela que todos os cuidados nas áreas agrárias e de agricultura não surtiram efeito", lamenta.

## ASSENTADOS

Quase metade dos desmatamentos ocorridos entre 1995 e 1998, na região amazônica, foram registrados em propriedades com menos de 100 hectares. "Os assentamentos são vetores de desmatamento", admitiu Sarney Filho, lembrando, no entanto, que há proibição de abertura de novos assentamentos na região. Mas quando se observa dados segundo o tipo de vegetação, observa-se desmatamento de grandes áreas densas de florestas ombrófila (conhecidas como a rain forest). O porcentual de desmatamento é de 13,24% em áreas superiores a mil hectares.

## 'É inaceitável'

Segundo os dados divulgados ontem pelo ministro do Meio Ambiente José Sarney Filho, em 1997/98 foram desmatados 17.383 km<sup>2</sup> de floresta amazônica, um aumento de 31,4% de aumento em relação à taxa de desmatamento do ano anterior. A projeção para 1998/99, também divulgada hoje é de 16.926 km<sup>2</sup>, o que representaria uma diminuição em torno de 2,7%. As taxas são medidas de agosto a agosto.

"Esta diminuição prevista é pouco significativa. A destruição permanece em um nível inaceitável e, portanto, não há o que comemorar", diz Ruy de Goes, do Greenpeace. "Desmatou-se no ano passado o equivalente a 200 campos de futebol por hora. Parte de um dos principais patrimônios do Brasil está literalmente, virando fumaça".

Para o ambientalista, falta uma

ação integrada do governo no sentido de promover atividades econômicas na região que preservem a floresta. "De nada adiantam as ações de fiscalização por parte do Ibama e boas intenções por parte do Ministério do Meio Ambiente se, por outro lado, persistem planos de expansão agropecuária na floresta com apoio governamental. Soma-se a isso a política de crédito oficial que continua ignorando as questões ambientais", diz.

Outra medida urgente para deter o desmatamento é a aprovação pelo Congresso da proposta de reforma do Código Florestal elaborada pelo Conselho Nacional de Meio Ambiente (Conama). Segundo Goes, isto pode neutralizar o lobby da bancada ruralista que quer legalizar a destruição de parcelas ainda maiores da Amazônia.